

O USO VARIÁVEL DO VERBO “IR” EM CARTAS BAIANAS: UM CASO DE GRAMATICALIZAÇÃO

VARIABLE USE OF THE VERB TO GO IN BAHIAN LETTERS: A GRAMMATICALIZATION CASE

Carolina Oliveira Azevedo
Gessilene Silveira Kanthack
Maria D’Ajuda Alomba Ribeiro
UESC

Resumo: O presente trabalho descreve os usos do verbo *ir*, particularmente o que expressa o futuro do presente, em cartas produzidas por baianos, entre os anos de 1902 a 1962. Trata-se de um verbo que pode se manifestar tanto na forma sintética (com a função de verbo principal) como na forma perifrástica (com a função de verbo auxiliar), sendo esta última a mais recorrente, evidenciando, assim, que se trata de um caso de gramaticalização: processo de mudança linguística segundo o qual itens lexicais passam a assumir funções gramaticais, ou elementos gramaticais passam a assumir funções ainda mais gramaticais (cf. MARTELOTTA, VOTRE e CESARIO, 1996).

Palavras-chave: verbo *ir*, usos, gramaticalização.

Abstract: This paper describes the uses of the verb “ir” (Portuguese word for “to go”), particularly when it comes to how the future tense is expressed in letters from Bahia all along the period that ranges in between 1902 to 1962. It is a verb that can function as both a main verb (synthetic form) and as an auxiliary verb (periphrastic form), the latter being the most recurrent. Thus, indicating that it is a case of grammaticalization: the process of linguistic change whereby lexical items start to take over grammatical functions, or grammatical elements that start to take over further grammatical functions (cf. MARTELOTTA, VOTRE e CESARIO, 1996).

Keywords: verb “ir” - variation - grammaticalization.

INTRODUÇÃO

O funcionalismo linguístico é uma corrente de estudos que considera a linguagem sob uma perspectiva interacional, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Nessa perspectiva, as estruturas linguísticas não vistas como objetos autônomos, devendo ser descritas e analisadas a partir dos usos reais que os falantes fazem delas, pois o pressuposto é que a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si, e que as funções externas influenciam na organização interna do mesmo (CUNHA, 2008).

Dentro dessa perspectiva de estudo, ganham destaques pesquisas sobre *gramaticalização*, entendida como um fenômeno linguístico em que itens lexicais, nos distintos contextos de uso, passam a adquirir propriedades de formas gramaticais e, se já possuem estatuto gramatical, tornam-se mais gramaticais ainda. Segundo Gonçalves et al (2007), esse tipo de estudo nos possibilita compreender o movimento realizado pela língua e apreender as mudanças pelas quais passam os itens linguísticos, a exemplo do verbo “ir”, usado na língua portuguesa, na forma simples, como verbo principal e valor espacial, e na forma perifrástica, como verbo auxiliar e valor temporal. Esta última forma é considerada gramaticalizada, pois, nela, o verbo assume função gramatical para a expressão do tempo futuro.

De acordo com Oliveira (2006), esse processo de auxiliarização do verbo de movimento *ir* pode ser explicado por uma passagem do sentido espacial, intrínseco a essa forma verbal, para um sentido prospectivo temporal, mudança resultante da relação cognitiva entre as categorias de espaço e tempo, conforme pressuposto defendido por Hopper; Traugott (1993). Oliveira afirma que a forma perifrástica *ir + infinitivo* ganhou destaque na língua portuguesa a partir do Século XX, ocupando o espaço da perífrase *haver de + infinitivo*, principal concorrente do futuro simples até o Século XIX.

No intuito de confirmar o uso do verbo *ir* com a função de auxiliar, elegemos, como *cópus*, cartas escritas por falantes baianos entre os anos de 1902 a 1962. A escolha por esse período se justifica, pois o nosso objetivo é comparar os nossos resultados com os de Bragança (2008), que pesquisou o comportamento desse tipo de verbo no início do Século XXI, especificamente nos anos 2000 e 2006. De modo semelhante a essa autora, também analisamos a influência de fatores linguísticos no uso da forma perifrástica: *extensão lexical*, *natureza regular ou irregular* e *tipo de conjugação*, todos envolvendo o verbo principal.

1. O VERBO “IR” EM DOIS PERÍODOS

1.1 Nos anos 2000 e 2006

Para investigar o uso do verbo *ir* e as diferentes funções que ele assume nas situações comunicativas, Bragança (2008) elegeu, como *corpora*, entrevistas retiradas do banco de dados do projeto *O Português Falado na Cidade de Vitória* (2000), desenvolvido pela Universidade Federal do Espírito Santo, e *editoriais* extraídos do jornal *A Gazeta*, do ano de 2006. Ela constatou que o uso desse verbo é realmente variável, ora desempenhando o papel de verbo principal, ora de auxiliar. Quando assume esta última função, pode denotar tanto o tempo presente como o tempo futuro.

Com o levantamento feito, a autora chegou à conclusão de que dois processos se entrecruzam, quais são: a gramaticalização do *ir* para manifestar tempo e a implementação da construção perifrástica para expressão do futuro do presente. Ao percorrer a trajetória rumo a uma função gramaticalizada, o verbo *ir*, inicialmente com uma noção espacial, sofre uma mudança semântica que, por sua vez, promove um rearranjo estrutural na cadeia linguística, levando esse item a funcionar juntamente com outro verbo. Ao se cristalizar nessa posição, a construção (verbo auxiliar + verbo principal) especializa-se para designar tempo, uma noção que é mais gramatical.

A autora também analisou a influência de alguns fatores linguísticos no uso das duas formas, chegando às seguintes conclusões: a forma sintética foi mais recorrente com verbos de uma sílaba, enquanto que a forma perifrástica, com verbos de maior extensão lexical; os verbos regulares influenciaram mais o uso da forma inovadora, tanto nas entrevistas como nos editoriais; quanto ao fator *conjugação verbal*, houve diferença significativa entre os dois tempos da perífrase: *ir* no presente foi mais usado com verbos de primeira conjugação, e *ir* no futuro com verbos de terceira conjugação.

Com os resultados, Bragança concluiu que o fenômeno designado como *gramaticalização* parece ter atingido tanto a modalidade oral como a modalidade escrita, uma vez que a nova forma já alcançou os dois gêneros analisados. Além disso, a perífrase encontra-se mais gramaticalizada para expressão de tempo, à medida que ocupa os contextos antes influenciados pela forma conservadora (ou sintética). O gênero representante da modalidade escrita influenciou mais o uso da forma sintética, enquanto que o da modalidade oral, mais o da forma perifrástica. Ela defendeu que a motivação discursiva para o uso das duas formas analisadas do verbo *ir* está atrelada a alguns aspectos textuais, como por exemplo, a sua formalidade. Desse modo, gêneros mais formais apresentam uma maior tendência de uso da forma sintética. Quando a construção perifrástica é usada, manifesta-se a morfologia de prestígio para o verbo auxiliar. Assim, os

editoriais parecem mais resistentes à nova forma “e, somente quando o monitoramento da produção escapa ao produtor ou quando a construção utiliza outras marcas da oralidade, é que a perífrase encontra condições favoráveis para penetrar na escrita formal” (BRAGANÇA, 2008, p. 193).

1.2 Nos anos de 1902 a 1962

Considerando a afirmação de Oliveira (2006), de que o Século XX corresponde ao período de implementação da forma perifrástica na língua portuguesa, resolvemos investigar o quão de fato ela era recorrente. Para tanto, selecionamos uma amostra constituída de cinquenta cartas pessoais produzidas por falantes baianos, no período de 1902 a 1962¹, com o intuito de observar se, naquele momento, o verbo *ir* já se manifestava de forma mais gramaticalizada ou não. A escolha por esse tipo de texto se justifica porque ele é resultado de uma prática social efetiva, em que seus produtores “agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância” (MARCUSCHI, 2008, p. 51).

De modo semelhante à Bragança (2008), procuramos também analisar a influência de fatores linguísticos, como a *extensão lexical, natureza regular ou irregular e tipo de conjugação*, envolvendo o verbo principal da forma

¹Disponíveis no banco de dados do projeto *Vozes do Sertão* (<http://www2.uefs.br/nelp/zenaide-nelp/historico.html>), organizado pela Universidade de Feira de Santana.

perifrástica, no sentido de confirmar que a gramaticalização não se limita apenas ao verbo em questão, mas que ela envolve toda a construção formada pelas relações sintáticas do verbo *ir*, conforme afirma Lehmann (1982, *apud* OLIVEIRA; OLINDA 2008).

Para início da análise, consideramos, então, como variável dependente, a realização do verbo *ir* para expressar o futuro do presente, em sua forma sintética (1) e em sua forma perifrástica (2):

(1) a. Etelvina já me entregou o embrulhinho da renda, **irá** com outras, saber se você tiver pressa. (07-ATW-18-02-1923)

b. Se o tempo continuar regular, ela **irá** na terça feira. (17-ATW-23-06-1934)

(2) a. Como **vou** escrever a Stella, deixo a carta de Virginia e Antonio para sábado. (16-ATW-12-06-1934)

b. **Vou** arrumar a malinha que vai amanhã e ainda escrever a Mamãezinha. (10-ATW-18-02-1923)

Feito o levantamento, o resultado do cômputo geral ficou assim distribuído:

Forma sintética		Forma perifrástica	
Oc	%	oc	%
9	32,2	19	67,8
Cômputo geral da variável dependente			

Notamos que, no período que vai de 1902 a 1962, o verbo *ir* se manifesta variavelmente, sendo a forma perifrástica a mais recorrente (67,8%), revelando que, além de assumir uma função mais gramatical, a de verbo auxiliar, esse elemento linguístico perde o seu valor espacial (mais concreto) e passa a assumir uma noção temporal (mais abstrata). Ou seja, de natureza lexical, o verbo passa a assumir função mais gramatical, mesmo sendo na modalidade escrita da língua.

Constatada que a forma perifrástica é a mais recorrente, passamos a analisar a influência dos seguintes fatores: *extensão lexical, natureza regular ou irregular e tipo de conjugação*, que caracterizam o verbo principal:

Quanto à extensão lexical do verbo principal, consideramos a quantidade de sílabas que o mesmo apresenta (1, 2 e 3 ou mais sílabas) na construção perifrástica, como ilustram os exemplos abaixo:

*Verbo principal de uma sílaba

(3) a. **Vamos** ver o que sai. (06-APF-06-12-1949)

b. Eis porque você **vai** ter de aguentar mais uns dias...(06-APF-06-12-1949)

*Verbo principal de duas sílabas

(4) a. **Vou** fazer o embrulho e por isso deixo muitas lembranças...(22-ATW-17-02-1939)

b. (...) a professora **vai** se mudar para o chalet do agente. (02-ATW-10-01-1922)

*Verbo principal de três ou mais sílabas

(5) a. (...) como você **vai** apurar esses trinta mil reis...(09-ALCF-13-02-1935)

b. **Vou** arrumar a malinha que vai amanhã...(10-ATW-18-02-1923)

Vejam, agora, a frequência desses casos:

Até duas		Mais de duas	
oc	%	oc	%
11	57,8	8	42,1
Forma perifrástica em função da extensão lexical do verbo principal			

Vemos que a forma perifrástica foi mais frequente em construções onde aparecem verbos principais de até duas sílabas (57,8%). Isso significa dizer que verbos de menor

extensão lexical influenciam o uso da forma inovadora, um resultado diferente daquele encontrado por Bragança (2008): verbos de maior extensão lexical eram mais usados com a forma perifrástica. Esse contraste revela uma mudança envolvendo o verbo principal da estrutura perifrástica. Antes, influenciada por verbos de extensão menor, agora, nos anos 2000 e 2006, é influenciada por verbos maiores.

No que diz respeito à *natureza regular ou irregular* dos verbos principais, vejamos, primeiro, alguns casos, e, em seguida, os resultados correspondentes:

*Verbo principal regular

(6) a. (...) professora **vai** se mudar para o chalet do agente.
(02-ATW-10-01-1922)

b. (...) resolveu **ir** passar 2 meses em Santa Iñez. (12-ATW-12-02-1928)

*Verbo principal irregular

(7) a. **Vou** fazer o embrulho e por isso deixo muitas lembranças...(12-ATW-17-02-1939)

b. Eis porque você vai ter de aguentar mais uns dias...(06-APF-06-12-1949)

Regular		Irregular	
Oc	%	oc	%
16	84,21%	3	15,78%
Forma perifrástica em função do paradigma verbal do verbo principal			

Observamos que a forma regular do verbo principal influenciou mais o uso da construção perifrástica (84,21%), em contraste com a irregular, que influenciou menos (15,78%). Com relação a esse fator, Bragança (2008) também constatou o mesmo, o que nos permite afirmar que não houve mudanças significativas no tocante ao tipo morfológico do verbo principal.

Quanto ao fator *tipo de conjugação*, consideramos:

*Verbo principal de primeira conjugação

(8) a. Estou escrevendo as pressas para entregar a carta de Aracy que chegou há pouco e **vai mandar** por Santo Amaro o que você pediu. (23-ATW-12-02-1939)

b. (...) a professora **vai se mudar** para o chalet do agente. (02-ATW-10-01-1922)

*Verbo principal de segunda conjugação

(2) a. Eis porque você **vai ter** de aguentar mais uns dias (...)
(06-APF-06-12-1949)

b. Como **vou escrever** a Stella, deixo a carta de Virginia...(16-ATW-12-06-1934)

*Verbo principal de terceira conjugação

(3) a. Landulpho vendeu a casa ao Pedro Tenorio e vão ficar com Helena Baggi até que fique pronta a casa que **vão construir**... (19-ATW-02-05-1938)

Eis os resultados:

1ª conjugação		2ª conjugação		3ª conjugação	
Oc	%	Oc	%	oc	%
12	63,15	6	31,57	1	5,26
Forma perifrástica em função da conjugação verbal do verbo principal					

Como vemos, os resultados apontam para uma frequência maior de uso da forma perifrástica com verbos principais de primeira conjugação (63,15%), em seguida, com verbos de segunda conjugação (31,57%), e uma ocorrência pouco significativa com verbos de terceira conjugação (5,26%). Em Bragança (2008), também foi constatado que o verbo *ir*, no presente, foi mais recorrente com verbos de primeira conjugação, não havendo, assim, diferença entre os períodos investigados.

Da comparação entre os dois períodos, percebemos que a forma perifrástica é realmente a opção mais usada pelo

falante, confirmando, portanto, a mudança da natureza do verbo “ir” na língua portuguesa.

2. O VERBO “IR” NAS CONSTRUÇÕES PERIFRÁSTICAS: UM CASO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Para explicar a trajetória espaço > tempo, envolvendo o verbo *ir*, recorreremos ao mecanismo da *abstratização*, apontado, por exemplo, por Heine et al (1991, apud Gonçalves et al, 2007), como um recurso que pode explicar as mudanças que atingem os itens linguísticos. Ao ser usado na forma perifrástica, o verbo *ir*, além de assumir uma noção mais abstrata, adquire também um posicionamento mais fixo, propriedade típica de uma forma gramatical. Desse modo, podemos afirmar que o que vem ocorrendo com o verbo *ir* caracteriza, de fato, o chamado fenômeno da *gramaticalização*.

Essa mudança pela qual passa o verbo *ir* revela um princípio cognitivo atuante no processo de *gramaticalização*, designado como *princípio de exploração de velhas formas para novas funções*, onde um conceito mais concreto é disponibilizado para explicar um fenômeno mais abstrato. Na visão de Heine et al (1991, apud Gonçalves et al, 2007),

[...] por meio desse princípio, conceitos concretos são empregados para entender, explicar ou descrever fenômenos menos concretos. Desse modo, entidades claramente delineadas e/ou claramente

estruturadas são recrutadas para conceitualizar entidades menos claramente delineadas ou estruturadas, experiências não físicas são entendidas em termos de experiências físicas, tempo em termos de espaço, causa em termos de tempo, ou relações abstratas em termos de processos cinéticos ou relações espaciais etc. (p. 42).

Ou seja, as novas criações acontecem na língua “porque o falante quer ser expressivo, precisa usar criativamente sua linguagem ou simplesmente porque o falante não encontra um termo específico para aquele momento, e usa um termo que lhe vem à mente através de transferência de domínio (...)” (CEZARIO, 2012, p. 23). É dessa necessidade, portanto, que o verbo *ir* vem alterando o seu estatuto: de lexical para gramatical.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos concluir que os postulados sobre *gramaticalização* foram suportes teóricos relevantes para o presente trabalho, uma vez que eles possibilitam explicar as mudanças sofridas pelo verbo *ir*, o qual pode exercer não só a sua função prototípica de verbo principal (forma sintética), mas também a de verbo auxiliar, em construções perifrásticas, onde assume uma função mais gramatical. Além disso, o elemento em análise adquire novas propriedades semânticas, pois sofre um processo de

abstratização, uma vez que, na sua trajetória rumo a funções mais gramaticalizadas, ele perde seu valor espacial (mais concreto) e adquire um valor temporal (mais abstrato).

Os resultados obtidos em nossa pesquisa reforçam o que foi constatado por Oliveira (2006): que a forma perifrástica ganhou destaque, na língua portuguesa, a partir do Século XX; que, nesse período, tanto a forma sintética como a forma inovadora competiam entre si, sinalizando um processo de gramaticalização, já bastante marcado nos dados do Século XXI, como constatou Bragança (2008).

Para finalizar, é relevante destacar que o conhecimento sobre a multifuncionalidade do verbo *ir*, tendo como aporte teórico pressupostos sobre *gramaticalização*, pode contribuir muito para o ensino de língua portuguesa, uma vez que possibilita melhor compreensão de como se comporta o elemento linguístico em estudo, quando usado em diferentes contextos de interação social. Para isso, é importante que o professor esteja consciente de que a língua se encontra em íntima relação com a dinâmica da sociedade e com os anseios comunicativos dos falantes. Ter conhecimento das diferentes possibilidades de estudo da língua, pelo docente, pode proporcionar ao aluno não só o contato com os usos reais do verbo *ir*, mas também com o uso real da própria língua.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda. *A gramaticalização do verbo ir e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia Capixaba*. Dissertação de Mestrado. Vitória: UFES, 2008.

CARNEIRO, Zenaide de O. Novais. *Projeto vozes do sertão*. Feira de Santana. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009.
Disponível em: <http://www2.uefs.br/nelp/zenaide-nelp/historico.html>. Acesso em: 26 jun. 2013.

CEZARIO, Maria Maura. Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática. In: CEZARIO, Maria Moura; et al (Orgs.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 19-32.

CUNHA, Angélica Furtado da. “Funcionalismo”. In: MARTELLOTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: contexto, 2008. p. 157-174.

GONÇALVES, S. C. L; et al (Orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Gramaticalization*. Cambridge: Cambridge University press, 1993.

MARCURSCI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELLOTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*.

Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OLIVEIRA, J. O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

OLIVEIRA, J. M. de; OLINDA, S. R. M. de. A trajetória do futuro perifrástico na língua portuguesa: séculos XVIII, XIX e XX. In: Revista da Abralín. Vol. VII, nº 2, 2008, p. 93-117.